



Que mais alem do espectáculo? Resiliência e desvios ao redor de um projeto de valorização de favela.

Nicolas Bautès

► To cite this version:

Nicolas Bautès. Que mais alem do espectáculo? Resiliência e desvios ao redor de um projeto de valorização de favela.. Arco Iris. Interloquções Urbanas: arenas, enredos e atores., Arco Iris, pp.111-121, 2008. hal-00523339

HAL Id: hal-00523339

<https://hal.science/hal-00523339>

Submitted on 7 Oct 2010

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Para além do espetáculo: resiliência e desvios em torno de um projeto de valorização de favela.

Nicolas Bautès¹

Este trabalho mobiliza duas dimensões da análise dos processos sociais que acompanham -dando apoio ou entrando em oposição – uma iniciativa municipal de valorização urbana no Morro da Providência, favela situada no Rio de Janeiro.

A primeira tenta colocar em perspectiva o projeto de reurbanização de um espaço dentro desta favela. Esta iniciativa consiste em uma intervenção mediatizando a favela através da criação de um museu a céu aberto, materializado através de marcas patrimoniais e turísticas em um particular roteiro na favela.

Tanto na definição e na natureza do projeto - desenvolvido como complemento do programa Favela-Bairro - quanto no modo de atuar, de disponibilizar recursos e discursos que vêm a alimentar a intervenção da Prefeitura, este projeto não pode ser analisado sem uma reflexão sobre o modo de gestão municipal no que concerne à metrópole do Rio de Janeiro como um todo.

A segunda dimensão a ser desenvolvida tenta caracterizar o nível e a natureza de apropriação deste projeto pelos moradores da favela e por indivíduos e grupos atuantes nesse espaço. Mais do que destacar a implicação dos moradores dentro do processo de mudança gerado pelo projeto, trata-se de caracterizar o modo de organização social que se estrutura ao seu redor, cujo objetivo é o de reforçar uma dinâmica, focalizada em uma mudança que acabou sendo principalmente arquitetônica, apesar do objetivo de produzir uma dinâmica “sustentável” (Célula Urbana, 2003). Em torno do projeto institucional observam-se várias iniciativas que vêm preencher os vazios do Favela-Bairro, e que não acompanham a lógica perseguida pela Prefeitura. Ainda que o projeto seja identificado como parcial e com efeitos limitados (isso é o principal argumento da crítica ao programa (Gomes, 1993; 2003), e de não promover uma dinâmica econômica, observa-se a estruturação de um novo quadro o redor do quais novos atores emergem, se encontram, disponibilizando e mediatizando novas perspectivas de mudanças econômicas e sociais, sejam lícitas ou ilícitas.

¹ Maître de Conférences em geografia, Universidade de Caen Basse-Normandie (França), Laboratório Espaço e Sociedade UMR 6590 E.S.O. Esplanade de la Paix, MRSH – CRESO, Campus Universitaire 14000 Caen (França) nicolas.bautes@unicaen.fr / n.bautes@gmail.com

A hipótese central de nossa reflexão é que o sistema sócio espacial da favela, constituído de forças opostas, encontra-se paradoxalmente reforçado pela intervenção publica, isto é, possuindo então uma característica resiliente. Esta resiliência pode ser identificada como uma característica determinante do sistema de atores da favela. Em estudo, permitindo ao mesmo tempo reconhecer a importância da atuação pública na favela e limitar a dependência da sociedade favelada à intervenção do poder público. Esta limitação é possível através da mobilização, por alguns atores, de uma posição intersticial, ou seja, da adoção de estratégias - lícitas ou ilícitas - desenvolvida fora do âmbito do projeto e/ou fora dos quadros normativos. Apesar de serem marginais e instrumentalizadas através da falta de participação popular (FERNANDES & GOMES, 2007), algumas iniciativas de atores envolvidos no Morro da Providência usam os pontos fracos do projeto de urbanização e de revitalização da favela para gerar processos alternativos que utilizam a iniciativa municipal para mediatizar as suas próprias iniciativas, que emergem principalmente fora do controle público. Deste modo, os atores envolvidos materializam uma capacidade nova de resistência às políticas urbanas que tendem gerar novas segregações dentro do espaço da favela.



Doc. 1 Favela Morro da Providência (foto. N.B.)

Este exemplo, baseado em estudos de campos feitos com moradores locais², e com responsáveis de instituições envolvidas neste espaço, abre uma reflexão sobre o aspecto não-linear da dupla atuação-recepção, e sobre a multiplicidade de respostas e de modos de ação que podem ser observados em reação às intervenções unilaterais em favelas. Este trabalho tem como fonte empírica um trabalho de campo envolvendo:

Entrevistas semi-diretivas com responsáveis institucionais - sejam do poder público (Municipal, Estadual) ou de organizações populares - moradores e visitantes das

² O autor agradece o Núcleo de Pesquisa Favela e Cidadania, por ter constituído o quadro institucional desta pesquisa. Agradece particularmente às professoras Maria de Fatima Marques Cabral Gomes, Lenise Fernandes, Catherine Reginensi, e aos alunos de mestrado e de iniciação científica em Serviço Social: Nina Mayer, Bruno Alves, Bárbara Góes Palhares, Carolina Padilha e demais participantes da pesquisa no FACL. Os resultados dos questionários aplicados a 96 moradores do Morro da Providência serão publicados brevemente.

favelas estudadas. Além do tempo formal de entrevista nossa postura envolve uma observação sistemática dos processos decisoriais perseguidos pelos atores.

Questionários submetidos a 96 moradores da favela, cada um – quando possível – complementados com uma entrevista, possibilitando discutir as respostas feitas pelo entrevistado.

Estas duas fases do trabalho empírico nos permitem destacar algumas características da intervenção em espaço de favela, colocando em perspectiva não somente o modo de atuação das instituições públicas, mas também o sistema de ações definido ao redor de uma iniciativa de mudança no espaço urbano. Deste modo, a nossa posição aqui não é só de tratar um exemplo isolado mas, a partir de resultados de uma pesquisa de campo e da exploração do *itinerário de atuação* observado nesta favela, separar alguns elementos da lógica seguidos por um sistema complexo, composto de múltiplos agentes envolvidos em tipos de atuação que podem aparecer ao observador de modo contraditório.

Práticas alternativas à mediatização da favela

O projeto turístico e cultural do Museu a Céu Aberto do Morro da Providência foi pensado para ser implementado após a intervenção do Favela-Bairro neste espaço, iniciada em 2000. Definida e implementada pelo Gabinete do Prefeito Cesar Maia, o projeto consistia em um tratamento *global* da valorização deste espaço através de projetos urbanísticos, sociais e econômicos. O procedimento consiste em « reavivar a memória do lugar, a identificação dos moradores ao seu espaço de vida (...) e “suscitar novas energias criativas” (trecho de entrevista com Lorenzo D., agente comunitário, sept. 2006). Trata-se da delimitação de um itinerário turístico no centro da favela (...), e da criação de iniciativas econômicas que poderiam revitalizar o espaço. Associada a dispositivos legais de proteção patrimonial e à instalação de infra-estruturas sócio-educativas (uma creche e uma escola), esta ação foi inaugurada pelo Prefeito no mês de agosto de 2005. Desde esta data oficial, o objetivo de organizar circuitos turísticos com uma parceria com a RIOTUR e a participação de jovens da comunidade com treinamento para a atividade de guia não foi realizado.

A nossa discussão refere-se às estratégias implementadas pelos atores da favela para regular os efeitos perversos deste projeto na esfera local, ao, tentarem estimular a apropriação do projeto pelos moradores, e estender a toda a comunidade os possíveis efeitos dessa iniciativa que, por enquanto, abarca uma ínfima parte do espaço da favela. Vale ressaltar os principais pontos de referência da favela: a Praça Central, o Reservatório de águas (chamado pela Prefeitura “Reservatório de lembranças”), Igreja Nossa Senhora da Penha, Capela do Cruzeiro



Doc. 2 Capela do Cruzeiro, antes e depois da obra Favela Bairro, Morro da Providência (foto. M.H / N.B.)

Duas razões explicam a falta de apropriação do projeto pelos moradores: em primeiro lugar, porque a favela « não interessa aqueles que moram aqui » (N.H, entrevista). Esta afirmação ilustra a falta de implicação que caracteriza a posição de uma grande parte dos moradores da favela em torno aos projetos que investem em mudanças do seu espaço de vida: a favela. Isso pode ser explicado pela relativa ausência do poder público na atuação local que caracterizou as décadas anteriores, provocando uma fraca credibilidade das intervenções públicas.

Em segundo lugar, os habitantes encontram-se confrontados com violentos conflitos freqüentemente armados. Perante esta situação, que tende constantemente a transformar a rua em um espaço perigoso, permanecem apenas interstícios de espaço público e interstícios de ação. São estas duas formas de interstício que desejamos aqui caracterizar.

Enfrentando a mudança: a iniciativa Favelarte ou a necessária base cultural do movimento social

Não dá mais para omitir que a favela hoje, mais de cem anos depois de seu início oficial, continuaria submersa numa sociedade da qual ela é a célula da alegria e da agonia. Lá tem samba e traficante. Gente de bem e desregrados. Lá se tem, como em todo lugar as dicotomias individuais e coletivas. Lá só faltam mesmo propostas e políticas públicas verdadeiras e de inclusão. Os seus males refletem problemas que são decorrentes de ganâncias e imoralidades que saem de baixo e a afetam lá em cima (tráfico

de droga e armas), como também como reflexos de exclusão que produzem lá em cima a falta de limites que desintegram o desenvolvimento humano, principalmente nos mais jovens e reproduzem um estigma de violência incontrolável que atinge a toda sociedade: a de cima e a de baixo.
[Texto de apresentação da ONG Favelarte : www.favelarte.com]

O texto acima do fundador do projeto Favelarte exprime a postura que prevalece na criação desta associação com vocação artística, criada por M. Hora. Este último, fotógrafo, foi criado no Morro da Providência e, há muito tempo, vem militando em associações do centro histórico de Rio de Janeiro de Janeiro, voltando-se para intervenções que tentam reviver e divulgar a memória social desta área, através de um trabalho fotográfico. Desde 2000, realiza o seu projeto organizando ateliês fotográficos com crianças de favela. O seu trabalho, exposto na estação de metro Luxembourg, em Paris, em 2005 na ocasião do evento “Ano do Brasil na França”, hoje se tem estendido a outras atividades, inscritas dentro do projeto Favelarte. Durante a atuação do programa Favela-Bairro pela Prefeitura, a associação estava ocupando um espaço dentro do prédio da Associação dos moradores do Morro da Providência, espaço compartilhado também com os serviços municipais responsáveis pela implementação do programa Favela-Bairro no Morro.

Este agrupamento institucional deu visibilidade à dinâmica de atuação em torno da urbanização da favela. A presença destas instituições em um mesmo local - localizado ao lado de uma entrada principal da favela, à Rua Barão de Gamboa -, revela ao mesmo tempo a ambigüidade das relações inter-atores, baseadas em colaborações e trocas ambíguas: de um lado a Prefeitura, que de acordo com a lei orgânica de 1991. Procura estabelecer parceria com a associação de moradores, cuja instituição estava, nos anos 2005-2006, suspeita de se submeter às decisões dos chefões do tráfico, revelando a incapacidade do poder público em regular as forças ligadas às atividades criminosas. Do outro lado, enquanto desenvolver o projeto, ela tenta patrocinar a criação de instituições “não-governamentais” e de empresas privadas (a criação de um café Internet cujos proprietários são originários da favela Jacarezinho: esta atuação parece ir contra as ambições municipais de “irradiar” a economia da favela com novas iniciativas independentes).

Enfim, a presença da associação Favelarte revela um outro tipo de processo, tanto no que diz respeito à dinâmica social, que vem a se estruturar em torno da iniciativa pública, mas também em termos dos processos observados nas relações que se estabelecem entre os atores. A ambição desta estrutura é multiplicar as iniciativas que destacam expressões culturais e/ou “*know-how’s*” artísticos e artesanais reconhecidos como constitutivos da favela: “*Através da arte, faz-se a intervenção social. Não somente pelos que trabalham no projeto, mas também pelos moradores*” (M. Hora, entrevista, set. 2006). A envergadura da iniciativa estruturada ao redor da Favelarte permite, certamente, gerar novas possibilidades de rendimentos para pessoas desempregadas. O fato de misturar

prática artística/artesanal e intervenção social permite mais largamente *"inspirar a ação comunitária"* (Knauss 2006).

Apesar do sucesso deste processo, o efeito sobre o espaço é, em resumo, muito relativo, apoiando uma ínfima parte da população (nehuma pessoa é diretamente empregada, trabalhando de modo temporário, dependente das flutuações da demanda). No entanto, iniciativas do mesmo tipo foram muito transmitidas na mídia, e programadas cada vez mais nas agendas culturais, como testemunha o programa *Central da Periferia* do canal O Globo. Esta tendência não é nova, mais aparece hoje em dia complexificada pelos modos e a intensidade segundo quais a cultura - além de tudo a cultura considerada como marginal -, emerge como instrumento utilizado à todos fins: o Globo, que defende claramente, através de artigos no seu periódico³, novas tentativas de evicção de favelas na cidade do Rio, **vitimizando** pobre e pobreza, está no mesmo tempo dando visibilidade à expressões artísticas da favela.

Através de uma legitimação procurada através do discurso científico, o Globo torna-se um ator central – e paradoxal - na defesa das culturas periféricas, valorizando a criatividade cultural, a capacidade de resistência dos pobres, cidadãos periféricos. Este tipo de estratégia poderia ser analisado mais dentro de uma estratégia, observada em vários lugares do mundo, que revela interesses tanto econômicos quanto políticos (eleitorais) de usar a cultura como maneira de estimular a adesão da sociedade em torno de referências comuns⁴. Apesar de tais atores da promoção cultural tenham incorporando este tipo de prática em estratégias mais complexas, a visibilidade crescente das formas culturais periféricas caracteriza uma mudança nas referências que estruturam a dinâmica econômica e política da cidade não somente através de produtos culturais - bens de produção contendo fortes caracteres estéticos e semióticos (Scott, 2000 *Ibid*) – mais também através de lugares singulares e formas culturais associadas. Estas referências contribuem à diversidade cultural da cidade e contam como vantagens comparativos : a favela, por muito tempo desconhecida, e esquecida do poder público, faz hoje em dia parte em sim da estética urbana, como ateste a exposição *Estética da Periferia*, organizada em 2005 no Centro Cultural Correio. Este evento, que aconteceu num dois maiores centros culturais da cidade, reuniu artistas de favelas, artistas de moda, artesãos, fotógrafos e arquitetos que vem *"abrindo a visualidade do estilo e a linguagem cultural da periferia do Rio de Janeiro, retratando sua maneira própria de estar atendida ao mundo da mídia e da moda de forma antropofágica, transformadora, criativa com sua realidade econômica. O subúrbio do Rio de*

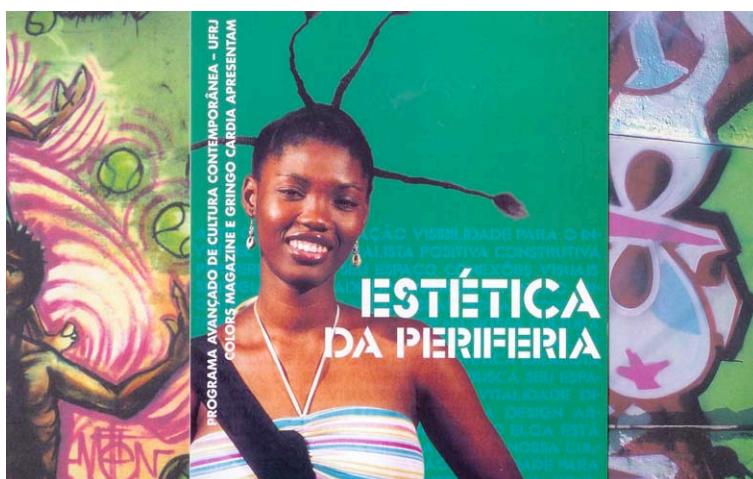
³ Ver a campanha do jornal O Globo "Illegal e Daí", lançado em 2005, sobre a desordem urbano na cidade do Rio de Janeiro.

⁴ Uma manifestação deste fenômeno pode ser observada no exemplo da valorização e da difusão internacional da batucada ou da capoeira, transformando estas práticas em bens simbólicos altamente estruturante pela cultura brasileira.

Janeiro é um grande inventor de modas, como funk, a maneira de vestir e o próprio design favela, festejado por importantes arquitetos e designers. A idéia da exposição é mapear algumas dessas visões criativas em 4 campos – arquitetura; artes visuais; desenho industrial; e moda e comportamento” (Gringo Córdia, curador)⁵

Este movimento materializa-se também na organização de eventos especificamente dedicados à manifestações associadas a expressões culturais afro-brasileiras, ou explicitamente à movimentos socioculturais “de favelas”, a categoria espacial aqui tendo expressar uma categoria cultural. E o caso por exemplo no cinema Odeon, localizado no Centro da cidade, que apresenta regularmente um festival chamado “O olhar da periferia”.

Este evento, tal como muitos outros observado em varias cidades do mundo, grandes ou pequenas, mostra como o uso da cultura na gestão da cidade torna-se um eixo maior da política urbana do Rio de Janeiro: estrutura iniciativas de atores diversos, órgãos do poder publico, organizações populares, ONG, etc. Nesta dinâmica, o caráter “periférico, associado à marginalidade social, econômica e cultural torna-se central tanto na luta contra a discriminação quanto nas mudanças urbanas observadas em vários bairros historicos do Rio : no Centro, sob processo de revitalização ou de requalificação através de um plano de reabilitação do centro e da zona portuária; no bairro da Lapa, onde o Estado criou o conceito de distrito cultural para valorizar a economia cultural associada ao samba e à boêmia carioca, que conta com altos carater periféricos, se o termo pode ser entendido num sentido incluindo o que é, no Rio de Janeiro com em outros lugares, definido como parte da cultura popular local.



Doc. 3. Filipeta da exposição Estética da Periferia (Centro Cultural Correio, 2005)

A visibilidade crescente destes eventos e destas dinâmicas vem ganhando os movimentos socioculturais da favela, necessitando reconsiderar os limites entre cultura

⁵ http://www.pacc.ufrj.br/agenda_periferia.php

central e periférica, fosse de uma maneira ainda relativa. Tal é o caso dos fundadores da associação Favelarte, que aproveitaram da visibilidade histórica e espacial do Morro da Providência para constituir redes de colaborações compostos por numerosos atores locais e supra-locais. Em 2000, a Favelarte participou do projeto “Caminho dos direitos humanos” coordenado pela ONG francesa *Inscire*, que consiste em assegurar a formação de crianças e adultos, visando a produção de azulejos para serem aplicados nas paredes da entrada da favela. Para tanto, tal iniciativa, contou com o apoio da Comunidade Européia e da UNESCO. Este projeto foi implementado como um evento dentre outros, que a organização promoveu internamente, trabalhando sobre a memória do lugar com jovens da comunidade. Em 2005, o evento “Ano do Brasil na França”, através de uma exposição na estação de metrô parisiense Luxembourg de um trabalho, coordenado pelo Mauricio Hora, deu visibilidade à favela, conforme mencionamos anteriormente.

Se tal exemplo, observado aqui como em muitas outras favelas, revela a ênfase dada aos problemas sociais presentes em tais espaços de moradia associados às favelas e nos orienta a analisar de uma forma diferente a questão da marginalidade deste lugar, geralmente presente na mídia ao referir-se às favelas. Pode-se constatar que apesar da limitação da intervenção pública, estruturam-se iniciativas individuais/ coletivas apoiadas tanto por órgãos públicos quanto por organizações não governamentais. As dinâmicas de mudança neste tipo de contexto sócio-espacial – permeadas por poderes ilegais que interagem no local – são produzidas em um jogo permanente entre forças internas e externas, legais e ilegais, dando lugar ao mesmo tempo a uma instrumentalização pelos poderes públicos e a um controle das ações dos atores pelos agentes locais do poder – traficantes e policiais.

Trata-se, pelos atores do local, de seguir estratégias plurais, baseadas na mobilização de recursos intersticiais num modo de atuação que implica seguir vários papéis, adotar várias posturas para poder seguir objetivos próprios.

A mobilização dos recursos do interstício e a adoção de posturas flexíveis

Que os atores locais tenham a mão posta sobre estes projetos ou que estes sejam postos livre por iniciativa de atores externos à favela, não há dúvida que a mídiatização da favela através de projetos públicos tem um efeito positivo para atuação de atores que visam o melhoramento das condições de vidas locais. Este tipo de dinâmica, tal como o projeto de valorização da Favela Morro da Providência com a criação do Museu a Céu Aberto permite "quebrar com a inércia de uma parte da população da favela, que perdeu qualquer confiança na sua capacidade de viver diferentemente que na marginalidade" (Extrato de entrevista com o M. Hora, Setembro de 2006).

O desafio da atuação em favela precisa se encontrar permanentemente em situações que nos interrogam de ser vigilantes." (M.H., *Ibid.*). As margens de liberdade são de fato limitadas: "é necessário adotar postura clara, mais paradoxalmente no mesmo tempo precisamos ter posições de negociação e de adaptabilidade", insiste o M.H. A legitimidade das iniciativas dos atores não-institucionais parece ser reposta em causa de maneira recorrente, e suscetível de afastá-los definitivamente do jogo. Consciente do equilíbrio precário que caracteriza a sua posição - mais largamente à que define a favela -, M.H. é, além disso, consciente das suas vantagens: "desempenhamos freqüentemente o papel de mediadores entre as políticas e os traficantes. Estabelecemos a comunicação entre aqueles que mandam" (*Ibid.*). O jogo no qual esta ONG é comprometida consiste assim não a identificar a solução de alguns problemas, mas a aproveitar-se das forças em presença para liberar espaços possibilitando a ação. Quando afirma que não existe hoje "uma fratura entre eles e nós!", M.H. exprime esta posição intersticial, onde interação e são negociados diferentes tipos de legitimidades: por um lado, uma legitimidade institucional conferida pelos estatutos da ONG e o diálogo que mantem com o município. Por outro lado, uma legitimidade política no que diz respeito às forças dominantes, as do tráfico. Por último, uma legitimidade simbólica, conferida pela população, para que a associação, através de projetos culturais e da organização de acontecimentos que favorecem o reapropriação do espaço público pelos seus habitantes, possa ser efetivas. Isso, em um permanente risco de ser afastado e deixar o futuro da favela nas mãos de poderes em luta pela dominação.

Esta necessidade permanente de se construir um papel, e de ser legitimado por todas as partes, define a capacidade resiliente de um sistema sócio-espacial cujo ponto de início é, como no caso do M.H., individual, íntimo: este ator, nascido na favela e desenvolvendo a sua vida própria em torno do futuro da favela, é, como outros são em outros lugares, um eixo ao redor do qual possibilitam-se modos de atuação inovadores, mais que, de todo jeito, fica dependente do equilíbrio das forças em presença. Se, como foi o caso várias vezes no Morro da Providência, um ator exterior novo, tal como o exército, entra em ação – aqui como apoio do poder do Estado – para impor a sua força, trata-se, por o ator intersticial, de ter a capacidade de atuar numa escala maior, ultrapassando a esfera local para poder negociar a alto nível de decisão.

Conclusão

Neste exemplo como em outras situações urbanas observadas (BAUTÈS & REGINENSI, 2007) vários tipos de interstícios combinam-se freqüentemente para permitir um modo de atuação que se afirme dentro de um jogo dominado pelos atores mais

poderosos. Estratégias de atores intersticiais participam para complexificar e colocar em questão as lógicas segundo as quais a cidade é produzida nas bases da ação de atores múltiplos, aos interesses e as posições, muitas vezes divergentes.

Adotando esta maneira de observar a cidade pelas suas margens, sublinhamos a obrigação para os atores de referir-se a um conjunto normativo, sabendo ao mesmo tempo subtrair-se. A postura adotada permite descrever um processo mais recente, na metrópole de Rio de Janeiro, pelo qual a sociedade dominante - constituída pelos poderes públicos e, em menor escala, a elite local - tende "a utilizar, ou a anexar-se" que percebe de singular, "de criativo na margem (...) fazendo-o no sentido da sua própria lógica" (Corin, 1995). Este processo compromete uma reação das margens, propensas a comprometer-se, o que E. Corin descreve como "um jogo com as margens", onde a marginalidade é utilizada como uma estratégia de resistência e "de sobrevivência perante os efeitos da primeira marginalização exógena" (*Ibid.*). Através deste duplo movimento, a margem toma parte da produção da sociedade e do espaço. É levada, afirmada para o que contem de singular e que é susceptível de ser valorizado, para responder as ambições dos atores das margens. Longe escapar com relacionamentos desiguais como os poderes dominantes, os movimentos inscritos nas margens residem dependentes da sua permissividade, resultantes da sua incapacidade de controle ou de um interesse a tolerar o desvio. Esta posição obriga os atores marginalizados a se auto determinar: além de definir os seus próprios objetivos (campos e meios de atuação), eles têm que redefinir permanentemente as suas estratégias, os seus modos de organização interna, as representações que tem deles mesmos, do "outro" e da cidade, esta que hes permite inserir-se nos espaços deixados livres, que contam como tantas fissuras nos sistemas do poder urbano.

Referências

- BAUTES, N. & REGINENSI, C. "La marge dans la métropole de Rio de Janeiro : du désordre dans l'urbain à la mobilisation de ressources", in *Autrepart, Variations* (2007, em publicação)
- CORIN E. "Meaning games at the margins: The cultural centrality of subordinated structures" in Bibeau G. et Corin E. (dir.), *Beyond Textuality Asceticism and Violence in Anthropological Interpretation*, Berlin, Mouton de Gruyter, 1995, pp. 173-192.
- CÉLULA URBANA. *Das remoções à Célula Urbana*. Prefeitura do Rio de Janeiro, 2003, 102 p.
- GOMES M. F. C. M. Sonhos Urbanos e Pesadelos Metropolitanos. *Scripta Nova*, Barcelona, 2003.
- GOMES M. F. C. M. BASTOS, Maria Durvalina Fernandes. Impasses na Urbanização de Favelas- um estudo de caso. Cadernos IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 3, p. 45-58, 1993.
- GOMES M. F. C. M., CARVALHO PELEGRINO, A.I., LIMA FERNANDES, L., REGINENSI, C., *Desigualdades e exclusão nas metrópoles brasileiras : alternativas para seu enfrentamento nas favelas do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Editora da Arco Íris, 2006, 144p.
- GOMES M. F. C. M. ; FERNANDES, L. L. *A mercantilização da cidade e a questão do desenvolvimento local. O Social em Questão*, v. 18, p. 103-121, 2007.
- KNAUSS P.; "Scaling down the monumental : how public art came to inspire community action in Rio de Janeiro", *Literature and Arts of the Americas*, Vol. 39, n°2, 2006, pp. 173-187
- SCOTT A.J. L'économie culturelle des villes., *Espaces et Sociétés*, Vol. 1, n°1, 1999, pp. 25-47.
- TONNELAT S. "Les interstices urbains", *Chimères*, n° 52, 2004, pp.135-155